

Visita Régia aos Açores

Ilha Terceira 1901

Arquivo dos artigos comemorativos, descritivos, locais e telegramas relativos ao faustoso acontecimento



Publicação original feita no jornal diário de Angra do Heroísmo – A União

Reedição digital 2021 – 120 anos

Iniciativa:

Câmara Municipal de Angra do Heroísmo

Reedição digital sobre os 120 anos da visita régia

Fotografia:

Museu de Angra do Heroísmo

MAHI20151058

2021

Viva El-Rei D. Carlos 1.º!

Esta saudação de entusiasmo com que o povo terceirense recebe neste momento faustoso o seu monarca, não pode ser mais franca, mais sincera, nem mais leal.

Sabe El-Rei pela história dos Açores, que nenhuma terra poderá dar mais nem maiores provas de dedicação ao seu Rei, arrostando decididamente contra todos os despotismos de uma usurpação, sem amor por vidas e fazenda, para alto levantar pregão a favor de uma legitimidade representada hoje pela Sua Augusta Pessoa, como a Ilha Terceira.

Para se proceder assim, tão abertamente, é preciso que haja muita sinceridade de crença numa família reinante, e no regímen constitucional que promulgou.

Praticar heroísmos de tanta abnegação é tocar os limites da lealdade, é ser-se inexcedível em amor ao Rei.

Senhor, a Vossa visita à Ilha Terceira, representando um acto de reconhecimento por esta terra que Vosso Augusto Avô, o Rei-Soldado, classificou de — *terra clássica da liberdade portuguesa, berço ilustre da regeneração da mãe pátria* —, ao mesmo tempo que nos enche de grande alegria, conforta-nos na ideia de que não foram esquecidos os sacrifícios dos açorianos, pela Monarquia Constitucional.

Não pode a ilha Terceira receber-Vos com as riquezas devidas ao alto poder que Vos reveste, mas as galas que ostenta nesta ocasião, as flores que espalha à Vossa passagem, são o produto do honrado trabalho dos seus laboriosos habitantes, pois são colhidas no canteiro do seu pequeno jardim.

Lançámos mão de tudo quanto temos, fizemos mesmo um esforço, para mostrar-Vos a que ponto é o nosso regozijo pelo facto com que rejubilamos.

Não achará Vossa Majestade o deslumbramento da opulência, por que essa impressão não lh'a podemos oferecer, nem é mesmo a que pretendemos tenha Vossa Majestade desta terra. Mas chegará D. Carlos 1.º, Rei de Portugal, ao conhecimento pessoal de que nenhum povo dos seus domínios Lhe é mais afeiçoado, nenhum ponto da nação que governa Lhe consagra mais estima, e em

nenhuma parte melhor disposição encontra para renovar atos de heroicidade, como os que aqui se praticaram.

Não pensam os terceirenses em outro chefe de nação que não seja o seu Rei. Não ambicionam outro sistema que não seja o monárquico.

Aqui, Real Senhor, aqui, a Vossa Pessoa estará sempre defendida pelos nossos peitos. Por isso escusado seria guardar com sentinelas o Vosso palácio, organizar polícia para impedir desacato à Vossa Pessoa.

Em cada um de nós tendes um súbdito fiel, um vassalo obediente.

Não é só a majestade da Vossa primacial jerarquia, que nos desperta tais sentimentos. Aos açorianos não é a ideia do poder que os subjuga; mas é por que em Vossa Majestade vê este povo um Monarca dotado de todos os sublimes predicados precisos para promover a regeneração do nosso querido Portugal. É porque em D. Carlos 1.º vê um neto do Rei-liberal a quem tanto amou, e cuja memória jamais desaparecerá do seu espírito, por que ela é dos açorianos história gloriosa.

É por que Vossa Majestade: Monarca ilustrado e de largo golpe de vista, novo e habilíssimo político, é uma esperança realizável da manutenção da integridade nacional.

É pela recordação histórica que representais, aliada às Vossas nobres e distintas qualidades de Rei e de homem, que o povo terceirense vestido com as suas melhores galas, entusiasticamente Vos saúda, Senhor.

Alguma vez, Majestade, terá chegado a Vossos ouvidos rumores de descontentamento destes povos; mas sabei, oh! rei do nosso querido Portugal, que eles não são pela Vossa Pessoa. Provocou-os atos menos justos d'algum de Vossos ministros.

Quando alguma vez se repitam, o que oxalá não suceda, tomai Senhor, propriamente conhecimento dos motivos de suas queixas, e vereis que são justas suas petições.

Aspirações temo-las como as dos povos que desejam progredir, mas não se pode dizer com razão que quando reclamamos, o fazemos sem motivo ponderoso.

Não se pode ser mais trabalhador nem mais honrado do que o povo açoriano. Não temos causado embaraços à administração dos governos de Vossa Majestade, por que dos tributos que pagamos ainda temos concorrido liberalmente para a mãe pátria.

Agora que temos aqui o nosso Rei; que Ele se dignou de pessoalmente, além de dar-nos a grandiosa honra da Sua visita vir tomar conhecimento das necessidades deste povo, é ocasião propícia para lembrar que há um compromisso consignado na história desta terra, e que diz respeito à atual casa reinante, a El-Rei D. Carlos 1.º, Real Senhor! Vosso Augusto avô, de saudosa memória, por quem a ilha Terceira praticou atos de dedicação até ao heroísmo, que se a história os não registasse pareceriam lendários, em seu Decreto de dezassete de maio de 1832, título I, artigo 1.º, determinou que fosse aplicado a portos de abrigo nas ilhas de São Miguel, Terceira e Faial, o produto dos bens dos conventos que suprimiu. A duas destas ilhas já está essa dívida paga.

A ilha Terceira porem, a *sempre constante e leal* cidade de Angra do Heroísmo, tem o seu porto abandonado pelo descrédito em que está! As condições, perante a excelência dos portos de São Miguel e Faial, não permitem a nossa expansibilidade comercial.

É a maior aspiração da ilha Terceira, Real Senhor, possuir um porto de abrigo. Vê Vossa Majestade por seus próprios olhos, que é justa. Vê também que a natureza mais pródiga connosco, delineou esse porto de abrigo que, por isso, demandava para ser concluído despesa insignificante, comparativamente com a já gasta nas outras duas ilhas. Lembra a ilha Terceira, Real Senhor, a palavra de Vosso Augusto avô o Senhor D. Pedro 4.º. É crença do povo português, por ser apanágio dos seus Monarcas, que a palavra do Rei não deixa de se cumprir.

Mais de 600 contos de reis produziu então a venda dos bens dos conventos nesta ilha. Outros se venderam depois, e de alguns, de que o Estado se aproveitou por utilidade pública, também deles nos pertence o valor.

Temos, portanto, nos cofres da nação, dinheiro mais que suficiente para a

construção ambicionada do porto de abrigo em Angra. Essa dívida sagrada por saldar, tem-nos posto numa exceção odiosa. Recomendai com instância, Real Senhor, ao vosso governo, a solução breve deste importante problema, de capital importância para esta terra. A satisfação desta aspiração do povo terceirense é o justo cumprimento de uma dívida sagrada. Que o seu pagamento seja um indestrutível padrão da visita de Vossa Majestade à heroica ilha Terceira.

Ao regressardes à Vossa Corte, levai, Senhor, os sentimentos de afeição deste povo, que conservará recordação saudosa da Vossa Real Pessoa, e transmitirá com respeito a seus filhos, que a Vossa passagem por esta terra, marcou uma época de prosperidade.

VIEIRA MENDES

(*União*, n.º 2:237 — 1 de julho.)

Salvé! Augusta Rainha!

Felizes os povoa que como nós, possuírem uma Rainha que ponha os seus cuidados em prover-lhes as necessidades, mitigar-lhes os sofrimentos e dulcificar-lhes a existência.

Felizes os Reis que como a Augusta Rainha Senhora Dona Maria Amélia, conquistam tão naturalmente a afeição e estima do seu povo.

Os terceirenses amavam já a Rainha de Portugal porque a fama de Suas virtudes, espelharam as refulgências de seu diamantino coração.

Pelo conhecimento de tanta beleza de sentimentos, afigura-se-nos linda a nossa Rainha.

O seu retrato nos «*ateliers*» era o de uma encantadora Mulher, mas o nosso espírito enlevado dizia dever ter muito mais encanto a nossa Rainha. E era! Viu-A ontem este povo com sociedade, e saudando-A freneticamente com vivas, palmas e flores, dizia, marejados os olhos com lágrimas de alegria: — *Muito linda é a nossa Rainha!*

Augusta e feliz Rainha! Sois dotada por Deus de todas as virtudes que Ele podia conceder a um só dos entes da sua mais perfeita criação.

A Augusta Esposa de D. Carlos 1.º é enriquecida por Deus com as virtudes da Esposa de D. Dinis. É uma Santa a nossa Rainha. É três vezes rica!

É facto que a história pela primeira vez registará: — Rica de virtudes, rica de dotes de espírito, rica de beleza!

Prova-o a pobreza enferma e desvalida, que lhe absorve os maiores cuidados da existência; os sanatórios e os dispensários que tem fundado.

Justifica-o o concurso com que tem contribuído para a áurea do trono português.

Afirma-o o deslumbramento que a Sua presença produz, nos que tem o infindo gozo de A verem.

Real Senhora; reconhecido Vos está o povo terceirense pela honra da Vossa visita. Não aumentaram os sentimentos de afeição que por Vós tinha, por que mais não pode comportar, pois por completo Vos é dedicado; mas confirmara-se nos extremos de amor pela Augusta Pessoa de Vossa Majestade.

Respeitosamente Vos beijam a mão; mão que tanto tem esmolado, tantas lágrimas tem enxugado, e acariciando tem feito desaparecer o desespero dos tugúrios, que amiudadas vezes vistais na capital.

Excelsa Rainha! Se Vosso Augusto Esposo está neste momento, na turra dos maiores heroísmos e lealdade dos Seus domínios, Vossa Majestade está na terra que cuidadosamente cultiva a preciosa flor mais do agrado de Vossa Majestade — a Caridade. Não exercerá essa sublime virtude na proporção dos seus desejos, porque limitados são os seus recursos; mas proporcionalmente nenhuma outra se lhe tem avantajado, em prodigalizar benefícios aos desprotegidos da sorte, porque não tem deixado que reine aqui a miséria, como colónia.

Está, pois, Vossa Majestade na terra que mais lisonjeará os nobres instintos do Seu coração.

Estão, portanto, os nossos Monarcas na terra clássica de heroísmos guerreiros e caridosos.

Ligada Vossa Majestade ao Rei do Portugal pelo estreitíssimo laço de Esposa amantíssima, está naturalmente ligada aos terceirenses pelos serviços prestados à Sua obra humanitária, como Ele pelos feitos à legitimidade da Casa reinante.

Real Senhora! Espera o povo terceirense que marque uma época de progresso para esta terra, a passagem dos seus Reis. De Vosso amado Esposo, nós, filho do povo, e por consequência intimamente ligado com ele, apresentámos já respeitosamente, qual a sua mais justificada aspiração — um porto de abrigo em Angra.

De Vós, Senhora solicitamos também proteção para que nos Açores se instale

um sanatório para tuberculosos, obra por que tanto Vos tendes interessado em Portugal.

Temos também, infelizmente, açorianos atacados dessa terrível doença, que assentou arraias por estas paragens. Os nossos recursos já são mui limitados para as necessidades crescentes que pedem esforço caridoso. A mão poderosa de Vossa Majestade, a Sua interferência na satisfação desta grande obra que reclamam os infelizes atacados dessa doença, que Vos propusestes exterminar no nosso muito amado Portugal, torna-se necessário para mais breve Vossa Majestade chegar ao conseguimento do Seu humanitário fim.

Querida e desvelada Rainha! Com as esperanças com que o povo terceirense fica de ser cumprida por Vosso Soberano Esposo a promessa sagrada de D. Pedro 4.º, Seu Augusto avô e nosso muito saudoso monarca, deixai alimentar também a de que a nossa tão querida e amada Rainha D. Maria Amélia, se não esquecerá de um sanatório para os tuberculosos dos Açores. Diz-se que a ilha do Pico possui as condições climatéricas indispensáveis.

A iniciativa de Vossa Majestade seria a realização de ideia tão caridosa.

Se dos sofrimentos da humanidade enferma falamos nesta ocasião em que sé hosanas devíamos cantar, é pela certeza de que o coração magnânimo de Vossa Majestade, se compraz mais em fazer calar infortúnios do que em ouvir entoar loas.

Mas é também tão curta o Vossa visita e não achamos outra ocasião para vos dirigir súplicas.

Vão-se tao depressa os nossos Reis!

Mas, Senhora! creia Vossa Majestade na sinceridade da profunda simpatia deste povo pela família reinante, na lealdade ao Rei, e no amor a Vossa Majestade.

As lágrimas de satisfação que vertemos ao receber Vossas Majestades, transformam-se em pranto pela saudade que nos fica ao partirem.

Viva El-Rei D. Carlos 1.º!

Viva Sua Majestade a Rainha D. Amélia!

Viva a Família Reinante!

VIEIRA MENDES

(*União*, n.º 2:238 — 2 de julho.)

Os nossos Reis

União, de 5 de julho de 1901, n.º 2:239 e seguintes.

I

Partiram os nossos Monarcas, deixando a mais viva saudade neste povo, que Lhes deu os mais francos testemunhos de afeição.

D. Carlos Primeiro e a Rainha Senhora. D. Maria Amélia, insinuam-se por tal forma no ânimo do seu povo, que este espontaneamente irrompe em aclamações de entusiasmo.

A curta estada de Suas Majestades nesta terra, passou-se no meio de uma só ovação, que começou mal foram vistos do cais, até ao embarque ontem.

Ninguém nesta cidade pensou durante estes dias senão em procurar ver o maior número de vezes possível os Monarcas, dar-Lhes palmas, vivas, e cobri-los de flores.

Como estava anunciado, a esquadra portuguesa, acompanhada de dois navios de guerra ingleses que a têm seguido em homenagem aos Reis de Portugal, tocou no porto da Praia da Vitória onde Suas Majestades receberam a bordo os cumprimentos da Câmara e autoridades locais, vindo depois para Angra, desembarcando os Monarcas pelas 5 e meia da tarde do faustoso dia primeiro de julho de 1901.

Calcula-se em 18 a 20 mil, o número de pessoas que enchia as muralhas que circundam a baía, desde o Porto de Pipas até ao Portinho Novo, as imediações do Páteo da Alfândega, os pontos enfim donde se podia presenciar o movimento; e até as pedras do mar encostadas à muralha do matadouro, como a maré fosse vazia, também estavam cobertas de gente!

Ao aproximar se o escaler, ricamente adornado, com os Monarcas, irromperam

os vivas calorosos e as palmas vibrantes de delírio.

No cais aguardavam Suas Majestades a Câmara Municipal, governador civil, que a bordo do cruzador «*D. Carlos*» tinha vindo desde a ilha Graciosa e desembarcara primeiro, o prelado diocesano, cabido e todo o pessoal da catedral, seminário, clero da cidade e grande parte do das freguesias do campo, o general comandante militar e oficialidade de Infantaria 25, Junta Geral, juiz e delegado, administrador do concelho, titulares, funcionalismo, Imprensa e todas as pessoas de distinção desta cidade.

Sua Majestade a Rainha foi recebida por um distinto grupo de ilustres damas.

No pavilhão preparado no cais e onde entraram Suas Majestades, houve a cerimónia da entrega das chaves da cidade a El-Rei, dirigindo-Lhe o sr. presidente da Câmara uma alocução.

Após essa cerimónia, a estremecida filhinha do sr. governador civil entregou a Sua Majestade a Rainha, em nome das crianças do Asilo de Infância Desvalida, um lindo «*bouquet*».

Recebidas as Majestades debaixo do pátio, seguiu o cortejo, por entre estrondosos vivas e palmas, pelas ruas Direita e Sé.

De todas as janelas pendiam ricas colchas, e sobre os Soberanos caía chuva de flores, acenando as damas com seus lenços, saudando com palmas e vivas a que a Rainha Senhora D. Maria Amélia correspondia com encantadores gestos de agradecimento, dizendo adeus para toda a parte, e El-Rei cumprimentando.

O cortejo era luzido e imponente por debaixo de muitos arcos que foram feitos em toda a extensão das ruas do percurso.

As janelas estavam apinhadas de damas e era delirante o entusiasmo.

Do cais pela rua Direita estava postada toda a força do Regimento de Infantaria n.º 25. Além da banda regimental, tocavam o *Hino da Carta* em pontos diferentes do trajeto, as filarmónicas *Flamenguense*, *União Velense*, *Recreio dos Artistas* e a da freguesia dos Altares, misturando os sons com os do troar dos canhões do

castelo e dos navios da esquadra, e o estalar das numerosas girândolas de foguetes, dando a impressão do extraordinário acontecimento que se celebrava.

Na catedral tomaram Suas Majestades lugar sob um dossel convenientemente preparado, cantando-se o *Te-Deum* a instrumental, retirando depois os Monarcas no meio do imenso povo que soltava vivas, para o palácio, ato este que se realizou de carro.

À noite toda Angra se iluminou, sendo surpreendente o efeito que produziu o ver-se todas as casas com lampiões de gostos vários e disposições diversas. Quase que bem se dispensava a iluminação oficial, da qual sobressaiu as do palácio real, da Câmara e da Alfândega, e a da Praça da Restauração.

Produzia também um lindo efeito a iluminação da fachada da Caixa Económica, e a da casa do sr. conselheiro Merens de Távora.

Em todas as noites houve iluminação geral da cidade, tocando as filarmónicas em diferentes pontos, fazendo-se ouvir também de dia percorrendo as ruas.

Na noite de quarta-feira veio tocar a um dos coretos da Praça da Restauração, a charanga de bordo do cruzador «*D. Carlos*».

As proximidades do palácio real estiveram sempre tomadas de povo, que aclamava os régios visitantes quando apareciam às janelas e algumas vezes a elas vieram pelos instantes pedidos que o povo fazia, retribuindo sempre Suas Majestades com afabilidade as manifestações.

O palácio do governo civil onde se hospedaram os Monarcas com a sua comitiva, estava ricamente decorado, sendo a mobília dos principais aposentos toda antiga, e algumas peças de grande valor.

O edifício, que é muito grande, acomodou muito à vontade toda a comitiva e pessoal de serviço, estando preparado para receber 60 pessoas.

As instalações eram superiores, e os aposentos de Suas Majestades, e as salas, não podiam estar mais mimosamente ornamentados, não se notando a mais insignificante falta de bom gosto e de comodidade.

II

No segundo dia, visitaram Suas Majestades de manhã, os Paços do Concelho, o hospital, asilos de Mendicidade e Infância Desvalida, Seminário e Castelo.

Durante todo o trajeto eram os carros, que seguiam devagar, acompanhados de muito povo em constantes vivas, que também se soltavam das janelas donde as senhoras batiam palmas e lançavam flores.

Suas Majestades chegaram ao Hospital de Santo Espírito com a sua comitiva pelas 11 horas, sendo esperados pela mesa administrativa, médicos e capelão, entrando no átrio onde se achava postada a harmónica «*Recreio dos Artistas*» que rompeu o *Hino da Carta*, acompanhado de repiques na torre da igreja do hospital e de palmas e vivas, dadas pela imensa multidão de povo que Os esperava.

Entraram na portaria e subiram a escada, que é majestosa pela sua largura e altura, perguntando Sua Majestade a Rainha se aquele edifício tinha sido construído para o hospital, sendo informada que fora um convento adaptado depois para aquele fim.

Dirigiram-se à tribuna da igreja para fazerem oração, e analisando a pintura dos grandes retábulos e teto, Sua Majestade a Rainha ficou tão impressionada, que recomendou ao sr. Provedor a sua boa conservação, e que nunca consentisse se pintassem por estarem algum tanto deteriorados, pois que quem o fizesse seria o autor de um vandalismo.

Passando às enfermarias, a Rainha manifestou ao sr. Provedor o desejo de ali ter os respetivos médicos, ao que o sr. Guilherme Júnior satisfez, apresentando-Lhe os srs. drs. Alfredo Sampaio e Manoel Victorino.

A Rainha principiou de informar-se da doença de cada enfermo, e assim se passou a visita a todas as enfermarias.

A visita foi rápida, por Suas Majestades terem pressa em fazerem outras.

Suas Majestades seguiram para uma sala devidamente ornada, onde o sr. Provedor leu a seguinte alocução:

«SENHOR — *A mesa administrativa deste pio estabelecimento a que tenho a honra de pertencer, não pode deixar esta ocasião de tanta solenidade e regozijo sem demonstrar, ainda que em frase pobre e despreziosa, o quanto lhe é agradável a régia visita de seus Augustos Monarcas a estas plagas Açorianas.*

O quanto este povo Vos ama, Augusto Senhor, di-lo bem alto a história da nossa querida pátria.

É ela que Vos diz que aqui, neste pequeno rochedo lançado no meio do oceano se derramou sangue pela causa santa da liberdade; é ela que canta o heroísmo deste povo, que, como valentes soldados, souberam dar e vida pela pátria e pelo Rei; e esses valentes soldados, não só amavam a liberdade até davam a vida, mas souberam também lançar no coração de seus filhos essa preciosa semente. Sim, Real Senhor, ainda também nós sentimos girar nas veias o sangue de nossos avós, e como eles amamos a pátria e o nosso Rei, até ao sacrifício, se preciso for.

SENHOR — *É grande, é imensa, a alegria que nos vai na alma ao recebermos tão subida prova de consideração com a visita de Vossas Majestades a este estabelecimento de caridade, e muito desejaríamos poder apresentar a Vossas Majestades um hospital belo e com todas as condições que a ciência exige, mas ainda que sejam esses os nossos, desejos, não o podemos fazer, por que o não permitem as nossas forças pecuniárias, e se alguma coisa temos feito devemos-lo em grandíssima parte aos sentimentos caritativos e filantrópicos que exornam o coroação magnânimo de Vossas Majestades. Sim! Real Senhor, sois Vós que nos tendes auxiliado muito e muito, concedendo a esta casa um subsídio anual pela indemnização do desconto no juro das suas inscrições, e se não fora tão generosa proteção que lhe tendes concedido, difícil e atrofiada seria a sua existência.*

Reconhecidos, pois, por tão grandes benefícios, deixai Senhores, que eu, em nome da mesa desta Santa Casa, em nome dos pobres inválidos que no último quartel da vida, e quando já não têm os afagos da família, aqui vêm abrigar-se, em nome dos pobres enfermos, que aqui se revolvem

no leito da dor, com o mais profundo respeito deposite em Vossas mãos um ósculo que signifique o nosso profundo reconhecimento e a nossa eterna gratidão para com as Augustas pessoas de Vossas Majestades.»

Terminou o Provedor sr. Guilherme Júnior levantando a Suas Majestade, e à família Real, vivas que foram entusiasticamente correspondidos por toda a assembleia.

O sr. Provedor apresentou a Sua Majestades um livro forrado a pelúcia azul, onde inscreveram os Seus nomes e data, seguindo-se o sr. Presidente do Conselho de Ministros e mais pessoas presentes. A Rainha informou-se do sr. Provedor da média dos doentes e rendimento do hospital, admirando-se como se podia manter com o rendimento tão insignificante de 10 contos de reis, reconhecendo que era com muita economia, acrescentando o sr. Provedor que havia falta de muitos acessórios, de coisas essenciais, como casa de operações, e que também por isso não podia apresentar e edifício devidamente asseado, ao que a Rainha respondeu reconhecer ser um edifício antigo, mas decente, com o que se achava muito satisfeita.

Suas Majestades seguiram a pé para o Asilo de Mendicidade, até onde foram acompanhados pelo Provedor, mesários do Hospital e muito povo, que aclamaram freneticamente Suas Majestades.

À entrada do Asilo Suas Majestades despediram-se muito afetuosamente da mesa administrativa e foram recebidos pela do Asilo de Mendicidade e pelas excelentíssimas damas protetoras desta casa de caridade.

Os nossos Soberanos informaram-se minuciosamente das condições do estabelecimento, louvaram a sua tão económica administração, admirando também como com tão escassos rendimentos se podia fazer face às despesas do seu custeio.

O edifício, pelo asseio, mereceu-Lhes os maiores elogios.

Os pobres asilados, loucos de contentes, agruparam-se junto de Sua Majestade a Rainha, beijando-Lhe a mão e recebendo palavras de conforto.

Informou-se a Rainha do presidente, sr. Manuel Alves Bettencourt, do serviço que prestavam as Irmãs de São José, recebendo em resposta que elas tinham sido a felicidade daquela casa.

À chegada de Suas majestades, o sr. Alves dirigiu-Lhes a seguinte alocução:

«REAIS MAJESTADES— Deus salve os excelsos monarcas portugueses que se dignaram honrar hoje com a Sua presença o modesto Asilo de Mendicidade terceirense.

É pobre e acanhado o estabelecimento, mas é grande, sublime, a sua missão de caridade. Que a Vossa real benevolência haja por bem desculpar as muitas faltas que, bem a nosso pesar, ainda por aqui se encontram, e que os pobres velhos albergados neste asilo possam recordar-se da honrosa visita dos nossos excelsos Soberanos.

Dignai-Vos, pois, tomá-los sob a Vossa real proteção e Deus Vos compensará por certo, continuando sempre venturoso o Vosso reinado para honra e glória da nação portuguesa, como todos havemos mister.

Deus Salve os excelsos Monarcas Portugueses.

Viva Sua Majestade El-Rei!

Viva Sua Majestade a Rainha!

Viva a Família Real Portuguesa!»

Seguiram depois os Soberanos de Portugal para o Asilo de Infância Desvalida, entrando Suas Majestades primeiramente na igreja, que estava lindamente adornada, fazendo oração na capela-mor e no altar de Nossa Senhora do Livramento.

A concorrência de pessoas ao Asilo, com o fim de verem as Majestades e assistirem à abertura da exposição, era imensa. O salão do Asilo estava deslumbrante, dando o principal realce àquela ornamentação o grande número de variados trabalhos

executados pelas crianças, e que iam constituir a 3.^a exposição deste género que se faz naquela casa dentro do período de dois anos, o que lhe tem granjeado centos de mil reis.

No fim do salão via-se um elegante dossel de seda azul celeste, para Suas Majestades.

Ao entrarem os Soberanos, cantaram as asiladas um lindo hino consagrado a Suas Majestades, sendo acompanhado ao piano por uma estremecida filha do ilustre cavalheiro ex.^{mo} Manuel de Sousa Machado da Cunha.

Uma criança asilada em nome de todas as suas companheiras, recitou uma linda e sentimental saudação a Suas Majestades e a toda a Família Real. Penhorou muito a bondosa Soberana a oferta que as crianças Lhe fizeram para seus Augustos filhos, e que consiste em duas lindas toalhas com mimosos bordados a pontos abertos, tudo executado pelas crianças.

As ex.^{mas} sr.^{as} do conselho protetor ofereceram também à excelsa Soberana um trabalho de alto merecimento, que Sua Majestade muito agradeceu, dirigindo palavras de muita amabilidade a tão distintas e ilustres senhoras. Não puderam as Majestades demorar-se quanto desejavam, por causa dos muitos pontos do programa das festas para este dia. Deram vista a alguns trabalhos da exposição e visitaram uma grande parte do edifício.

A bondosa Rainha falou por alguns minutos com o dedicado mordomo da casa, o sr. cónego Ferreira, procurando informar-se do estado da casa, seu desenvolvimento e prosperidade, rendendo muitos elogios às Irmãs de São José de Cluny que a dirigem. Disse por fim a Excelsa Soberana ao sr. cónego Ferreira que pedisse em Seu nome desculpa às ex.^{mas} senhoras do conselho e mesários, de não se poderem demorar mais tempo, como Lhes seria tão agradável.

Deixaram os Soberanos aquela casa por entre novas aclamações da multidão que ali se aglomerava.

E não podiam as Majestades deixar de levar as mais raras impressões do nosso Asilo de Infância, porque realmente é uma maravilha o que ali se observa.

Em livro convenientemente preparado, ficaram as assinaturas de Suas Majestades, dos Ministros e das pessoas da corte.

Junto do Asilo tocou durante a visita a filarmónica «*Recreio dos Artistas*».

Como Suas Majestades mostrassem desejos de abreviar a Sua visita, por causa de outros trabalhos que guardaram naquele dia, o ilustre mordomo da casa teve de suprimir a alocação que tencionava proferir a fim de dar a uma criança asilada a satisfação recitar uma pequena saudação que tinha decorado, e que foi ouvida pelas Majestades e sua comitiva, com demonstrações de muito agrado, porque a criança recitou-a perfeitamente.

A alocação do mordomo sr. cónego Ferreira era concebida nos seguintes termos:

«SENHOR! — Há ocasiões tão solenes na vida, em que o mudo silêncio excede os mais eloquentes discursos. Silencioso devia eu permanecer na Augusta presença de Vossas Majestades; mas cabendo-me a honra de presidir à Mesa administrativa deste Estabelecimento de Caridade, por mais profundo que seja o acatamento que tributo aos nossos excelsos Monarcas, não posso reprimir a ânsia que me domina de expandir a gratidão imensa que eu e todos os meus colegas sentimos pela alta honra desta visita, só própria dos extremos de bondade que enaltecem os régios corações de Vossas Majestades. E parece-me que nunca podem ser inoportunas as expressões que o reconhecimento inspira.

E de reconhecimento profundo é unicamente a minha palavra, muito embora não me seja dado poder exprimir o que sinto. Já disse o príncipe dos nossos poetas que em contar extremos, trabalhos e tempo perdidos são.

SENHOR — Quarenta e oito anos de existência conta já este Asilo, fundado por um ilustre Magistrado, o conselheiro Nicolau Anastácio de Bettencourt, que o instalou em 16 de abril de 1853. E quando contava apenas 5 anos de existência teve esta casa a glória de receber a honrosíssima visita do Augusto e Saudosíssimo Pai de Vossa Majestade, quando era ainda Sereníssimo Infante.

Essa data festival do primeiro de novembro de 1858, em que esta casa recebeu o senhor D. Luiz Primeiro, de saudosa memória, essa data fica para sempre entrelaçada com a data de hoje, em que temos a ventura de receber o Augusto herdeiro de suas virtudes e do seu cetro, que Ele sustentou com tanta firmeza e honra.

E se era já motivo de gratidão imensa a visita de Sua Majestade El-Rei, não é possível exprimir o reconhecimento de nossos corações quando vemos a seu lado a excelsa Soberana de Portugal a Quem o alto prestígio da realeza, que a tantos tem fascinado, a Ela tem unicamente servido para dar mais amplitude à grande munificência da sua ardente caridade.

SENHOR — Todo o nosso empenho e zelo converge para melhorar este asilo a fim de que as crianças desvalidas que aqui se abrigam sob as benéficas asas do formoso anjo da caridade, possam tornar-se úteis para si e para a sociedade.

E é imensa a consolação que sentimos em declarar com toda a verdade perante Vossas Majestades que muito temos conseguido com a eficaz e zelosa direção e proficiente ensino das ilustres e virtuosas Irmãs de São José de Cluny. Educar para virtude, para a sociedade e para o trabalho, é todo o ideal da sua missão. — A cidade de Angra honorificada com tantos títulos que os augustos predecessores de Vossa Majestade lhe têm outorgado, possui um que lhe conferiu o imortal Infante D. Henrique, quando chamou a esta — «Ilha Terceira de Senhor Jesus Cristo». É um título de maior glória que nunca há-de esquecer. Angra tem sido sempre filha mimosa, nobre, leal, constante na fidelidade aos seus Augustos Monarcas e por isso vem aqui oferecer a Vossas Majestades o «bouquet» que seus magnânimos corações mais apreciam.

Esse «bouquet» compõe-se das mimosas flores da caridade com que Angra fundou, conserva e sustenta há 48 anos esta santa instituição que é incontestavelmente um padrão de glória a atestar a bondade e generosidade de tantos corações que amam estremecidamente estas criancinhas, muitas das quais não conhecem o amor de uma mãe.

Bendita mil vezes a Divina Religião de Nosso Senhor Jesus Cristo que nos manda amar a todos, e em especial as crianças pobres e desvalidas! Bendita mil vezes essa Divina Religião que dá forças a uma Rainha excelsa para deixar o seu trono, e o que é mais, deixar por alguns dias dois anjos de inocência e candura, para vir ao meio destes mares consolar seus súbditos e acariciar estas pobres criancinhas! Bem hajam os nossos Augustos Monarcas! Bem-haja a Augusta Soberana em cujo diadema brilham como pérolas de vivíssimo fulgor, as lágrimas dos pobrezinhas que a sua ardente caridade não cessa de enxugar. A Vossas Majestades Fidelíssimas os preitos da nossa eterna gratidão, e a mais respeitosa súplica para que os nossos Augustos Soberanos acolham esta casa sob a Sua régia proteção.»

O pequenino discurso recitado pela asilada Maria do Amparo foi o seguinte:

«REAL SENHOR!

REAL SENHORA!

As criancinhas desvalidas do Asilo de Nossa Senhora do Livramento, não sabem exprimir a sua alegria e grande contentamento por terem a felicidade de lhes ser concedida a graça de beijarem reverentes as Régias mãos de Vossas Majestades Fidelíssimas!

Meu Deus! Meu Deus! Como são bons e cheios de carinhos Suas Majestades os Reis de Portugal!

Chegam à nossa bela e linda cidade de Angra, e no meio de tantas festas com que são acolhidos por toda esta formosa ilha, que está louca de contentamento, Suas Majestades não esquecem o pobre Asilo de criancinhas tão pobres, que só têm a riqueza da sua fé em Deus Nosso Senhor e o amor reverente aos seus Augustos Monarcas.

Como o Bom Jesus, nosso Deus e Salvador, acariciava as criancinhas, dignam-se Vossas Majestade vir também honrar e engrandecer a nossa pequenez e desvalimento chamando-nos para junto de Suas Augustas Pessoas, o que nos parece ainda um sonho.

Já no regaço de uma santa Rainha se converteram as esmolas em flores, e nós vemos hoje aqui no coração da nossa excelsa Soberana, que é também uma Rainha santa, convertidos em flores todos os carinhos maternos que Sua Majestade se digna dispensar às criancinhas pobres.

A essas flores mimosas da Sua alma angélica, correspondemos com o nosso amor puro e inocente de criancinhas. E desfolhamos a seus pés as flores da nossa maior veneração, do nosso profundo acatamento, do nosso acrisolado afeto de humildes servos de tão Augusta Soberana!

E nestas florinhas, Real Senhor e Real Senhora, vai simbolizado o amor, respeito e gratidão eterna que consagram a Vossas Majestades todos os Seus leais súbditos desta formosa ilha.

A flor deste amor não emurchecerá jamais, porque a alimentará sempre a impressão que nos fica para toda a vida da bondade e carinho dos nossos Augustos Soberanos.

Nossa Senhora do Livramento guarde e defenda Vossas Augustas Majestades para glória da Nação Portuguesa.

Viva Sua Majestade El-Rei o Senhor D. Carlos Primeiro!

Viva Sua Majestade a Rainha!

Viva toda a Augusta Família Real!»

Estava ainda preparada outra saudação recitada por uma das asiladas pequeninas, Júlia. E que pena não teve a criança de a não recitar! Mas a brevidade que se pedia não o permitiu. Era a seguinte:

«Real Senhor!

Real Senhora!

Uma criança como eu, tão pequenina e tão pobre, não sabe nem pode falar diante de Vossas Majestades. Mas quero só dizer que as pequeninas também têm coração para consagrarem a Vossas Majestades o reconhecimento mais puro e indelével por uma visita tão honrosa ao nosso querido Asilo. Sou pequenina; mas bem pequena é a borboleta e ela também louva a seu modo o Divino Criador. E ainda que pequenina, como tantas das minhas companheiras, devo dizer com grande consolação, a Vossas Majestades, que trabalhamos durante muitos meses com a maior alegria das nossas almas para apresentarmos, neste dia grande e verdadeiramente festival, esta pequena exposição de trabalhos todos feitos por nós, sob a direção das nossas queridas e amadas diretoras.

Dignem-se Vossas Majestades olhar com benevolência para os trabalhos destas pobres asiladas, que tudo quanto sabem o devem à caridade, esse anjo de formosura e bondade que parece estar personalizado na Rainha tão amada dos portugueses.

Ali estão os nossos trabalhos, executados de propósito para festejar a visita dos nossos amados soberanos, porque nos diziam nossas mestras que nada poderíamos apresentar que mais agradasse a Suas Majestades, do que uma prova do nosso amor ao trabalho. A nossa maior dita será que Vossas Majestade levem as mais gratas impressões do nosso Asilo e que Se dignem tomá-lo debaixo da Sua Régia Proteção.

Por esta visita tão honrosa, como nunca tivemos nem tornaremos a ter, a nossa gratidão será eterna, as nossas inocentes orações acompanharão sempre Vossa Reais Majestades.»

III

As visitas de Suas Majestades aos estabelecimentos públicos começaram pela Câmara, onde aguardavam os augustos Soberanos a vereação municipal, que saudou os régios visitantes, e o povo calorosamente secundou com vivas e palmas.

Era rica a ornamentação do palácio do povo, e todas as alfaias pertencem ao município.

O salão nobre, vasto e elegante, surpreendeu Suas Majestades, pela sumptuosidade que não esperavam certamente encontrar.

O presidente da Câmara sr. dr. José Pimentel Homem de Noronha leu a seguinte alocução:

«*SENHORES!*

Permitam Vossas Majestades, na ocasião em que se dignam entrar nesta casa, que em nome da Câmara Municipal e de todos os seus munícipes, agradeça com o mais profundo acatamento as elevadas distinções que Vossas Majestades se têm dignado conceder a esta cidade de Angra do Heroísmo.

Neste mesmo lugar, Senhores, se inaugurou, no primeiro dia de janeiro de 1831, a primeira Câmara Municipal eleita em todo o país consoante os preceitos da Carta Constitucional da Monarquia. Foi dia de festa esse, em que se julgou ganha definitivamente a causa constitucional, posta nesse momento sob a proteção do Município, que tem sido em Portugal o paládio das liberdades pátrias, do laço de amor entre o Rei e o Povo.

Vossas Majestades, honrando com a sua visita estes paços do concelho, dignam-se dar a esta cidade uma prova de consideração que mais estreita aquele laço, mais obriga a nossa lealdade e acresce em honra aos muitos títulos de nobreza com que a munificência Régia tem distinguido esta ilha.

Para que fique perdurável memória de facto tão honroso para esta Câmara Municipal e para os povos que ela diretamente representa, em nome dela imploro de Vossas Majestades a Graça de assinarem auto desta Sua generosa visita, que fique sendo não somente padrão de tão memorável sucesso, mas também novo protesto de lealdade e respeito para com os Augustos Reis de Portugal, da Muito Nobre, Leal e Sempre Constante Cidade de Angra do Heroísmo.»

Lavrou-se auto do faustoso facto, a assinando-o Suas Majestades. É do teor seguinte:

***Auta da honrosa visita de Suas Majestades
El-Rei o Senhor D. Carlos 1.º e a Senhora Dona Maria Amélia***

No dia dois de julho do ano de mil novecentos e um, nesta muito nobre, leal e sempre constante cidade de Angra do Heroísmo, achando-se reunidos nos paços do concelho os excelentíssimos presidente e vereadores da Câmara Municipal, para o fim de receberem a honrosa visita que Suas Majestades El-Rei D. Carlos 1.º e a Rainha Senhora D. Maria Amélia, se dignaram fazer a este paço municipal, se dirigiu a mesma Câmara ao átrio e entrada do edifício onde teve a honra de receber a Suas Majestades, que se encaminharam ao salão nobre, acompanhados das pessoas do seu séquito, onde o excelentíssimo presidente da Câmara, obtida vénia, dirigiu a Suas Majestades uma alocução de agradecimento pelas elevadas distinções que Suas Majestades se têm dignado conceder a esta cidade, pedindo aos mesmos Augustos Senhores a Graça de se dignarem assinar termo desta Sua visita, que fique sendo não somente padrão de tão memorável sucesso, mas também novo protesto de amor e de lealdade para com Augustos Soberanos do país, da parte desta municipalidade e dos povos que ela representa.

Suas Majestades dignaram-se aceder com a maior benignidade a assignar este auto, que eu José Sebastião de Castro do Canto, secretário da Câmara, fiz escrever e subscrevi.

El-Rei D. Carlos — D. Maria Amélia Rainha — D. Maria Francisca de Menezes — Ernesto Rodolfo Hintze Ribeiro — António Teixeira de Sousa — Conde de Tarouca — Conde da Ribeira Grande — Guilherme Brito Capelo — Conde de Arnoso — Fernando Eduardo de Serpa — Francisco Augusto d'Oliveira Feijão — Emídio Lino da Silva Júnior.

Câmara: — José Pimentel Homem de Noronha — Guilherme Martins Pinto Júnior — Francisco José da Costa Vidal — Frederico Augusto de Vasconcelos Júnior — João Nogueira de Freitas — Cândido de Meneses Pacheco de Melo Forjaz e Lacerda — Pedro Álvares da Câmara Paim de Bruges — Sebastião Cardoso Pamplona Corte-Real — José Sebastião de Castro do Canto

Depois da visita à Câmara seguiu-se a do Seminário, indo Suas Majestades pela Rua de D. Amélia, chegando ali pouco depois das 10 horas.

Apesar de se haver anunciado com muita antecipação que Suas Majestades visitariam os edifícios públicos da cidade, no Seminário só na véspera, e já noite adentro, é que se soube ao certo que aquele estabelecimento participaria de tão subida honra.

Um pouco antes da hora marcada, para ali se dirigiu sua excelência reverendíssima o sr. Bispo.

Os seminaristas formavam no adro, até ao pórtico que ainda há pouco dava entrada para o Liceu, duas longas alas, por entre as quais entrou o carro que conduzia os Augustos visitantes, que se apearam junto ao pórtico onde os aguardava o prelado à frente de todo o corpo docente e dirigente do Seminário.

Apenas entrou no adro o trem real, de mistura com o estrondear dos foguetes e festivos repiques na torre da igreja, romperam de entre os seminaristas as mais calorosas aclamações, que se repetiam entre a multidão composta de povo que imediatamente invadiu aquele lugar.

Logo que Suas Majestades desceram do trem, apressaram-se a apresentar-Lhes os seus cumprimentos sua excelência reverendíssima o sr. Bispo e os superiores do Seminário, e pelo mais jovem dos seminaristas foi, em nome de todos os alunos, oferecido a Sua Majestade a Rainha um lindo «*bouquet*» de flores colhidas no jardim do Seminário, do qual pendiam duas fitas de seda, azul e branca, com a legenda em letras de ouro: — «*A Sua Majestade a Rainha Senhora D. Maria Amélia — os seminaristas d'Angra*».

Tocavam a filarmónica *Recreio dos Artistas e Flamenguense*.

A primeira parte do edifício em que entraram Suas Majestades e a sua comitiva foi a sala do museu, que percorreram com demonstrações de agrado, admirando alguns exemplares e particularmente a bela coleção de moluscos.

Dali subiram à sala de visitas, entraram na biblioteca, gabinete de leitura, na grande sala de estudo da Prefeitura de São Francisco Xavier, onde Sua Majestade

a Rainha se demorou algum tempo abrindo e folheando alguns livros de estudo dos seminaristas. Entraram em um dos dormitórios do corredor principal e dali pela escada do lado norte desceram ao claustro e jardim, passando por fim à igreja, onde fizeram oração diante do altar do Santíssimo Sacramento na capela-mor. Era um encanto a Rainha em oração, toda a gente que a via admirava o respeito e devoção dela naquele acto.

Já na Sé Catedral edificou pela piedade de que deu provas de encanto a sua assistência ao *Te Deum*.

Enquanto durou a visita ao Seminário, Suas Majestades dirigiram por diferentes vezes a palavra ao excelentíssimo prelado e ao vice-reitor que de perto os acompanhavam, ora interrogando, ora mostrando agrado e satisfação pelo que viam. A brevidade do tempo não permitiu que os Augustos visitantes vissem as restantes partes do edificio, onde certamente experimentariam igual satisfação, pois em todo o edificio havia que admirar o asseio e boa ordem, prova bem clara do quanto se trabalha naquela casa para a dotar das condições que estabelecimentos daquele género reclamam.

Desde o princípio até ao fim da visita quase não tiveram interrupção as aclamações entusiásticas dos seminaristas e do povo a Suas Majestades, a quem não passaram despercebidas e antes pelo contrário muito agradavelmente impressionaram, como mais de uma vez declararam depois ao ex.ma prelado, aquelas demonstrações de afeto destes seus súbditos que jamais olvidarão o prazer e honra que lhe trouxe a visita de tão egrégios personagens.

Depois de visitarem Suas Majestades o Seminário, é que foram ao Hospital e Asilo, do que já no capítulo antecedente demos noticia.

Às 2 horas da tarde houve a receção oficial no Paço, a qual foi concorridíssima, durando uma hora o beija-mão, ao que foram admitidas primeiro as senhoras e em seguida a Câmara Municipal, que pelo seu presidente dirigiu uma alocução a Suas Majestades nos seguintes termos:

«SENHORES

Ante o trono de Vossas Majestades, dominada pelo mais vivo reconhecimento, possuída do maior respeito, vem a Câmara Municipal da muito Nobre, Leal e Sempre Constante cidade d’Angra do Heroísmo, em nome do povos que representa, depor os protestos da sua gratidão pela elevada distinção que Vossas Majestades se dignaram conceder a esta cidade e ilha com a Sua honrosa visita.

Esta gratidão, Senhores, é acompanhada dos sentimentos de maior veneração, pelas excelsas Pessoas de Vossas Majestades e de profundo afeto à Augusta Dinastia Constitucional que Vossas Majestades representam, entre a qual e esta terra heroica tem sempre existido um vínculo de amor, que este fausto sucesso veio tornar perseverante e indissolúvel.

E se estes sentimentos, Senhor, não tivessem a confirmá-los a eloquência de heroicos feitos, clara e luminosamente consignados na história, esculpidos nos brasões de nobreza cívica desta terra, bastaria para assegurar deles a Vossas Majestades o alegre alvoroço, os entusiásticos aplausos, as aclamações reiteradas com que a alma popular recebeu ontem a Vossas Majestades nesta ilha; manifestação cuja espontaneidade está fulgurantemente a demonstrar o amor; a submissão que este pobre, mas honrado e lealíssimo povo consagra a Vossas Majestades.

Esta Câmara Municipal, os habitantes desta terra, todos fazemos votos para que a Divina Providência cubra de bênçãos a Vossas Majestades, encha de prosperidades o seu reinado, prolongue suas vidas preciosas e perpetue a Sua Dinastia para felicidade destes povos, para honra, lustre e glória da Nação Portuguesa.»

El-Rei, recebendo da mão do sr. Presidente Conselho a resposta, dignou-se lê-la, fazendo nela as mais agradáveis referências à cidade de Angra e ao povo terceirense.

Às 5 horas da tarde, foi a inauguração na Praça da Restauração do monumento que se pretende erigir a El-Rei, comemorando a sua visita a esta ilha.

O povo apinhava-se no vasto espaço e recebeu Suas Majestades com ovações.

Tomando os Soberanos lugar no pavilhão com o Seu séquito, procedeu-se à cerimónia da bênção da pedra, ato a que procedeu o prelado diocesano com a assistência do clero, corpo seminarístico e todas as pessoas de distinção.

Eram repetidos os vivas e palmas, que o povo com extraordinário entusiasmo soltava.

Lido pelo sr. presidente da Câmara o auto, foi ele encerrado em um cofre, onde foram lançadas moedas, e esse cofre metido na pedra fundamental do monumento. Descendo Suas Majestades, El-Rei com uma colher de pedreiro botou cimento na tampa da abertura da pedra, e a Rainha, com um martelo, bateu-a.

Eis o texto do auto:

«No ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1901, aos 2 dias do mês de julho, nesta cidade de Angra do Heroísmo, ilha Terceira, e na praça da Restauração, procedeu Sua Majestade El-Rei de Portugal D. Carlos I. °, com a assistência de Sua Majestade a Rainha D. Amélia, à colocação da primeira pedra do monumento comemorativo da visita de Suas Majestades a esta ilha, pedra que primeiramente tinha sido benzida por sua excelência reverendíssima o sr. D. Francisco José, bispo desta diocese d'Angra.

E para que de futuro se conheça este facto tão memorável em que os filhos e habitantes do distrito de Angra pretendem perpetuar tão fausto acontecimento, se lavrou o presente auto, do qual se extraíram duas cópias autênticas, uma para ser depositada e guardada no Arquivo Nacional da Torre do Tombo e outra no arquivo da Câmara Municipal desta cidade.

(seguem-se as assinaturas)

Terminada a cerimónia no meio do estrondear de foguetes, de palmas e vivas, Suas Majestades seguiram a visitar o Castelo de São João Baptista d'Angra.

Eram esperados na praça de armas pela guarnição e famílias dos oficiais.

Dirigindo-se à ala nobre do palácio, o sr. governador apresentou a Suas Majestades os oficiais e suas famílias, havendo os cumprimentos do estilo.

Em seguida Suas Majestades entraram na igreja, que está profanada, visitaram casernas e cozinha do regimento e dirigiram-se às baterias onde se demoraram algum tempo, gozando a bela vista que dali se observa, não só da cidade como de maior parte das freguesias do oeste.

Majestade El-Rei tirou algumas fotografias, mostrando estar satisfeito, retirando depois das 7 horas.

Foi enorme a concorrência de povo à fortaleza, tornando-se por algumas vezes mesmo difícil o trânsito.

Houve numerosas e entusiásticas aclamações a Suas Majestades e a toda a família real portuguesa.

A Suas Majestades foi mandada mostrar, quando estavam no mirante da bandeira, amostra do rancho dos soldados, que provaram e acharam muito bom, indagando a Rainha se era sempre naquelas condições, o que parecia visto o bom aspeto dos soldados.

Perguntou também se não lhes davam peixe, e assim idênticas indagações que e mostraram que Sua Majestade conhece e se interessa pelas coisas que parecem ser-Lhe indiferentes.

Nesta mesma tarde o fotógrafo sr. Carlos Franco foi admitido à presença de Sua Majestade El-Rei, de Quem obteve a graça de aceitar um trabalho fotográfico que consistia em uma grande vista panorâmica da encosta e litoral do sul da ilha Terceira, desde a ponta de São Mateus até à da Salga, incluindo ao centro a cidade de Angra do Heroísmo.

Esta fotografia mede, fora as margens, 2 metros e 12 centímetros de comprimento por 40 centímetros de largo.

A moldura, dourada de lindos labores, tem de largura 14 centímetros.

Sua Majestade recebeu amavelmente aquele distinto fotógrafo e estimável cavalheiro, agradecendo a oferta, que ainda não vira, mas de que se tinha informado.

Foi por indicação do sr. Presidente do Conselho de Ministros que o oferente se apresentou pessoalmente a Sua Majestade El-Rei.

IV

Foi também no dia 2, às 8 horas da noite, que teve lugar o jantar oficial no Paço. Foi de 65 talheres e a ele assistiu o elemento oficial que é da praxe ser convidado para tais atos, tendo também assistido, como representante da família do 1.º conde da Praia da Vitória, a quem a atual casa reinante mais serviços de lealdade até ao sacrifício deve, os senhores Teotónio Paim de Ornelas Bruges e capitão Teotónio Octávio de Ornelas Bruges, que também fora convidado como comandante da guarda de honra que nesse dia estava ao Paço.

Assistiram também os srs. dr. Rodrigo Zagallo Nogueira e José Luiz de Sequeira.

Na sala tocou um sexteto, e no jardim do Paço a banda regimental.

Não sendo usual, representando, portanto, uma grande distinção, Sua Majestade El-Rei saudou na pessoa do sr. presidente da Câmara a leal cidade de Angra, fazendo-o em termos os mais honrosos para esta ilha, respondendo o sr. dr. Noronha agradecendo a prova de consideração que acabava de dar Sua Majestade ao povo terceirense.

O representante do «*Diário de Notícias*» de Lisboa, que acompanhou a comitiva régia, deu àquele jornal notícia telegráfica do brinde d'El-Rei no jantar de gala, nos seguintes termos:

«El-Rei fez um grande e caloroso brinde, recordando os serviços que a ilha Terceira prestou à causa da liberdade; invocou a memória do rei soldado, D. Pedro IV, que residiu no mesmo palácio, onde está o rei D. Carlos; o de sua augusta avó, D. Maria II, cuja regência, em seu nome, teve as suas sessões no mesmo palácio, e que ofereceu ao município o seu retrato, o primeiro que houve daquela soberana, e que por ela foi mandado de Londres, para ser oferecido à municipalidade de Angra, efetuando-se

a entrega, com toda a solenidade, no dia do aniversário natalício de D. Pedro IV, em 1829, sendo portador de tão honrosa dádiva o conde de Vila Flor.

El-Rei terminou o brinde demonstrando o seu agradecimento ao povo da ilha Terceira pelas suas calorosas manifestações, que o têm comovido e à Rainha.

Respondeu a sua Majestade o presidente da Câmara Municipal, agradecendo as elogiosas palavras do Chefe do Estado ao povo terceirense, e afirmando o sincero afeto de todos os habitantes da valorosa ilha Terceira à família real.

Todas as pessoas que acompanhavam Suas Majestades, declararam nunca terem ouvido falar El-Rei com tanto entusiasmo».

Aquele jornal justifica o entusiasmo do brinde de El-Rei, com o conhecimento profundo que Sua Majestade tem dos feitos históricos de ineludível heroísmo desta terra; e o da recepção vibrante que aos Soberanos foi aqui feita, pelas tradições e educação deste povo.

O «menu» do jantar foi o seguinte: — *Crème de volaille à la Reine — Poisson bouilli — Sauce anglaise — Filet de bœuf à la barigoule — Escalopes de dindon aux truffes — Foie-gras en belle-vue — Punch glacé à l'impérial — Bécasses rôties aux croûtes — Salade panachée — Asperges à la hollandaise — Pouding saxon — Coupe à la chantilly — Glace.*

Nesta mesma noite, e a hora adiantada, passeou Sua Majestade El-Rei a pé pela cidade, acompanhado do seu secretário particular, o sr. conde de Arnoso, e do sr. governador civil, gostando imenso da nossa cidade.

Conquanto em todas as noites da estada dos Soberanos portugueses nesta ilha houvesse iluminações públicas e geralmente de particulares, na noite do dia 2 de julho é que os navios da esquadra portuguesa e os cruzadores ingleses iluminaram, produzindo de terra surpreendente vista, fazendo nos outros dias projeções elétricas para a cidade.

No dia 3, Suas Majestades com grande comitiva que tomou quase todos os carros da cidade, foram em digressão pelas freguesias do Oeste até São Bartolomeu, sendo em todo o trajeto muito vitorizados pelas populações que juncaram de verdura os caminhos e revestiram

as paredes de colchas, deitando flores, batendo palmas, dando vivas.

Gostaram muito Suas Majestades do lindo arrabalde de São Carlos, que efetivamente pelas excelentes casas de campo que possui e sua continuidade, impressiona agradavelmente os que nos visitam.

Suas Majestades regressaram à cidade pelo Caminho de Baixo, por onde também é agradabilíssimo o passeio.

Em São Bartolomeu e São Mateus, onde pararam, o povo assaltou o carro para beijar a mão a Suas Majestades, principalmente à Rainha que distribuía sorrisos e carinhos que a todos prendia de encanto.

De tarde houve a tourada à corda no lugar de São João de Deus, divertimento peculiar desta ilha.

A tribuna, preparada para Suas Majestades e séquito assistirem ao divertimento, era majestosa e rica. A ornamentação não podia ser mais cuidada nem mais aprimorada.

Milhares de pessoas pelo caminho, pelos balcões, pelas bancadas e até por camarotes construídos especialmente para este dia, à passagem e chegada de Suas Majestades soltavam os mais calorosos vivas, acompanhados de estridentes palmas.

Em todo o percurso tiveram sempre a mesma intensidade as ovações, por que era a mesma a impressão de alegria e entusiasmo de que se achava possuído o povo.

Os touros, do ganadero sr. José Francisco Aurora, escolhidos caprichosamente como era de esperar, eram uns bonitos bichos e bravos.

Suas Majestades riam de boa vontade ao ver as brincadeiras que os mais ousados tinham com os animais.

Deram-se nas proximidades da tribuna real, onde se demoravam os touros, todas as peripécias de tais divertimentos e que os tornam de uma especial atração.

Um marinheiro da armada inglesa, que nunca tivera certamente tal distração, perseguido por um dos touros em carreira vertiginosa, quase prestes a ser apanhado, foi tomado pela mão férrea de um outro marinheiro português, que o puxou ao lado furtando-o à vista do animal que seguiu na carreira. Avalie-se o alívio que experimentou! Teve também muita graça a maneira grave, à inglesa, porque agradeceu com uma rápida inclinação de cabeça e a frase consagrada «*thank you!*».

Tomaram parte importante no divertimento, marinheiros da armada portuguesa, brincando com os bichos e quase sós, honra que naturalmente, e como hóspedes, lhes concedeu a nossa gente. Apanharam seus trambolhões, que com mais um pouco de prática no género de divertimento, evitariam. Será para outra vez!

Suas Majestades, ora numa ora noutra janela, seguiam com curiosidade e interesse todo o movimento, aplaudindo, rindo-se, mostrando por vários modos o prazer que lhes causava esse divertimento, novo para Suas Majestades.

Mostrou igualmente gozar boa sensação da tourada, toda a comitiva real. Até o sr. Hintze Ribeiro riu de vontade!

Sua Majestade El-Rei, tão agradavelmente ficou impressionado deste género de divertimento, que pretende ensaiá-lo com gado de Suas manadas, em Vila Viçosa.

Depois de corrido o 4.º touro, o sr. governador civil, para que Suas Majestades se não enfiassem do divertimento, comunicou que era costume correr-se só 4 touros, mas que havia ainda mais dois, caso fosse do agrado de Suas Majestades. El-Rei quis que se corressem esses dois, mostrando assim o prazer que Lhe causava a diversão.

Terminada a corrida retiraram Suas Majestades e seu séquito, entrando na Memória de D. Pedro 4.º, de onde admiraram a excelente vista de toda a cidade

que dali se goza.

Tanto na Memória como na tourada, tirou El-Rei muitos «*clichés*».

Depois da visita ao monumento de D. Pedro 4.º, Suas Majestades dignaram-se visitar a nova casa da Escola Industrial e oficinas anexas, a pedido do sr. governador civil que muito desejava satisfazer à vontade de ex.ma sr.ª D. Catarina Pamplona Corte Real Teixeira, do sr. presidente da Junta Geral e do diretor da escola.

Aguardavam no edifício a vinda de Suas Majestades e de Sua ilustre comitiva, a benemérita doadora, D. Catarina Pamplona Corte Real Teixeira, o diretor e sua esposa, e artistas, e, fora, alunos do Seminário, muitas senhoras, cavalheiros e o povo. Depois das apresentações feitas pelo sr. governador civil, o diretor da Escola conduzia os Régios Visitantes e sua comitiva à sala onde se acham colocados os retratos da doadora e de seu estremecido esposo falecido, que em vida mostrou claramente grande desejo de que aqueles utensílios servissem para a instrução dos artistas de Angra.

Neste momento teve a ilustre doadora ocasião de manifestar a Suas Majestades o seu encantamento por tão honrosa visita àquela casa e material de ofícios que em benefício da classe operária e em satisfação à vontade de seu falecido marido se havia apressado em confiar e ceder a Junta Geral do distrito, e que agora se dignassem Suas Majestades aceitar em homenagem às Suas Raes Pessoas, e em recordação da sua tão honrosa visita a esta cidade. Em resposta dirigiu Sua Majestade a Rainha palavras de agradecimento, de condolência e conforto àquela senhora.

A nossa Rainha fez à ex.ma sr.ª D. Catarina especial agradecimento pela oferta que esta senhora Lhe mandara fazer nesse mesmo dia. Era um lindo barco baleeiro construído de papel pelo patrão-mor do porto de Angra, e de que aquela senhora tivera conhecimento pela descrição fena dele no diário «*A União*», que alvitrou a ideia de ser comprado para um bonito presente à Rainha de Portugal, Senhora D. Maria Amélia, a Quem devia ser muito agradável a oferta, não só porque Sua Majestade ter predileção pelos passeios em barco no Tejo, mas ainda por ser uma alusão ao ato admirável de coragem e filantropia praticado pela Rainha não há muito em Cascais, deitando-se à água para salvar a vida a um dos tripulantes do

barco que A conduzia.

O barco monta 4 remos e tem 5,50 m de comprimento, 1,40 m de boca e 0,54 m de pontal, com o nome de D. Amélia, que em letras de ouro está desenhado à popa. Nada falta para que seja uma embarcação do mais requintado bom gosto e luxuosa ornamentação. Assegura o construtor que pode fazer serviço e estar na água sucessivamente 5 meses que não se ressentirá na sua resistência.

Continuou o diretor a mostrar as ferramentas e material de trabalho de relojoeiro, ourives, serralheiro, ferreiro, fundidor, latoeiro, marceneiro, carpinteiro, tanoeiro, correiro e o pequeno laboratório químico.

O material achava-se disposto artisticamente em coleções nas diferentes salas, ligeiramente ornamentadas de modo a apreciar-se a sua variedade, aplicação e importância, o que não passou despercebido a Suas Majestades e ilustre comitiva que o tiveram por valioso e muito útil àquele estabelecimento.

Durante a visita, Suas Majestades dirigiram algumas palavras de animação aos artistas presentes e ao diretor da escola, manifestando desejos de que se engrandecesse aquele estabelecimento de instrução artística.

No decurso da visita, Sua Majestade D. Maria Amélia dignou-se também informar-se da frequência e aproveitamento dos alunos da escola, do pessoal que administrava aquela instrução, e do que havia sido projetado para o futuro ano letivo, ao que o diretor sr. Ciriaco Tavares satisfez, agradecendo ao mesmo tempo a Suas Majestades a honra que se dignaram conceder àquele estabelecimento, fazendo votos pela preciosa existência de Suas Majestades.

V

Falando no capítulo precedente da tourada em São João de Deus, notámos com prazer a espontaneidade do nosso povo, deixando que brincassem com os touros os seus hóspedes, como os marinheiros da armada. Fizemos também uma outra circunstanciada que dá o característico de um certo grau de educação do nosso povo.

É coisa peculiar, indispensável mesmo, ir-se de varapau para as touradas à corda, ostentando do povo: os velhos uns paus menos cuidados e os rapazes bordões bem emponteirados e luzidos. Pois na tourada real em São João de Deus, o nosso povo desarmou-se por completo em respeito aos nossos monarcas! O guarda-sóis eram o único adorno das mãos dos milhares de homens que ali estavam! Impressionou-nos isso também, como o facto de não se ter visto um ébrio, de não se ter notado uma rixa, o que sucedeu em todo o conjunto das festas, pois não se efetuou uma prisão nem necessidade houve de fazer uma simples detenção!

Nas manifestações do segundo dia da estada de Suas Majestades entre nós, na altura competente deixámos de fazer referência a uma das que muito calaram no ânimo dos Monarcas Portugueses. Foi a que de tarde Lhes fizeram os estudantes de ambos os sexos: do Liceu, Escola Distrital e escolas primárias desta cidade.

Reuniram-se no pátio do palacete do sr. Barão do Ramalho, e antes de Suas Majestades assistirem à inauguração do Monumento, aqueles centenares de esperançosos estudantes, que representam a sociedade de amanhã, cheios do entusiasmo próprio da sua idade, de afeição aos seus Monarcas com que têm sido educados, de um santo amor pela pátria que neles tem as suas esperanças como a tem no futuro, pelas tradições de lealdade de seus antepassados, com a herança dos feitos heroicos praticados por seus avós, foram diante do Palácio Real aclamar os Reis de Portugal.

Os vivas eram frenéticos, as palmas estridentes, tocando o delírio quando Suas Majestades apareceram a uma das varandas, agradecendo sensibilizados manifestação tanto do seu agrado, pelo que tinha de espontânea e franca, como pela ideia que significavam, de dedicação à Pátria e ao Rei.

Uma deputação de estudantes de ambos os sexos subiu à presença dos Soberanos, levando uma menina, filha do sr. José da Rosa Silveira, de Santo Amaro da ilha do Pico, que é aluna de uma das nossas escolas, um lindo *bouquet* de flores que ofereceu à Rainha, lendo o estudando do liceu sr. Henrique Brás a seguinte mensagem:

SENHOR!

Temos assistido com o mais sincero prazer a esse entusiasmo

verdadeiramente patriótico com que a nossa terra, pequeno penhasco elevado sobre o oceano, mas santo asilo da liberdade oprimida, pretendeu receber os seus Augustos Soberanos.

Apenas se confirmou a notícia da visita de Vossas Majestades ao Arquipélago Açoriano, todos os corações dos terceirenses exultaram de alegria e procuraram, unidos no mesmo pensamento, prestar a sua modesta mas cordial e sincera homenagem ao Vulto que representa a integridade da Pátria, as suas nobres e inigualáveis tradições, o seu progresso e engrandecimento — e ao Anjo da Caridade que, dotada de geniais qualidades para colaborar na mesma grandiosa obra, protege a infelicidade, leva lenitivo à dor, procurando assim salvar os seus diletos filhos que tanto A estremecem e adoram.

Nascidos neste pequeno baluarte que defrontou digna e briosamente o sobrecenho do despotismo, as terríveis e angustiosas inclemências do desterro e da prepotência para se conservar sempre fiel à causa liberal, não podíamos ficar silenciosos, nem deixar de vir com o mais profundo respeito, a mais subida consideração, o mais sincero e cardeal afeto, prestar a nossa pequena e singela homenagem ante o trono de Vossas Majestades.

Por isso vimos nós, em nome da academia angrense e escola primária, levantar com o mais santo fervor um viva de reconhecimento pela passagem de Vossas Majestades por esta ilha, pedindo à Providência que ela nos fique eternamente gravada na memória e abra novos horizontes de progressivo desenvolvimento neste arquipélago.

Vimos, pois, em nome da academia que representa os homens de amanhã nesta terra, demonstrar mui respeitosa a Vossas Majestades que estamos hoje, e estaremos sempre, prontos a imitar o exemplo dos nossos antepassados, desde que perigue a integridade da pátria e a preciosa vida dos seus Augustos Soberanos.

A saída de Suas Majestades para a inauguração do monumento na Praça da

Restauração era aguardada pelos estudantes, que ladearam o trem, acompanhando-o até à Praça da Restauração no meio de frenéticas e entusiásticas aclamações.

Acompanhou sempre os estudantes nas suas manifestações a filarmónica *Flamenguense*.

No dia 4 teve lugar a revista pecuária no Paul. Previa-se que seria este o número mais importante e agradável das festas que dedicámos aos Reis de Portugal.

Excedeu, porém, o que se imaginava. Foi bela, surpreendente, a festa do Paul.

De há muito que trens, carrinhos e carroças, de todos os pontos da ilha, se achavam alugados e por bom preço. Houve necessidade de se lançar mão de carros de bois, que foram alugados do campo em número superior a 400 carros. Além destes, ainda concorreram mais de 500 que conduziram gente das freguesias de toda a ilha!

Tudo isso despejou gente no Paul, não falando em cavaleiros nem em peões.

A concorrência foi extraordinária. Seguramente umas 24 mil pessoas se juntaram naquele vale, oferecendo pelas variegadas cores dos vestuários de homens e mulheres uma encantadora vista, um panorama delicioso.

Seria meio dia quando Suas Majestades e seu séquito, seguidos de numerosos trens, chegaram ao Paul, atravessando a multidão no meio de aclamações estrondosas que ecoavam pela extensa planície, que parecia, repetindo as ovações, também saudar o Rei lavrador.

Suas Majestades, apesar do chuveiro que caiu, chegaram de carro aberto o que maior delírio causou ao povo, por ver que para se não furtarem à sua vista, os Soberanos preferiram assim expor-se ao tempo!

Suas Majestades subiram para o pavilhão real, que era de um lindo efeito, execução bem compreendida de um plano do eminente artista português Bordalo Pinheiro.

Eram três os pavilhões.

As cúpulas, formando três corpos, eram revestidas a palha de centeio, com suas respectivas espigas. Circundava-os uma baixa rocha artificial, de cujas pequenas cavidades saíam bonitas plantas de adorno, pés de milho e outras produções agrícolas.

O primeiro pavilhão era a casa onde se serviu o almoço, e contíguo a esse, com passagem interior, era o destinado a Suas Majestades e comitiva. No terceiro tomaram lugar titulares, imprensa e mais convidados.

O fundo do segundo pavilhão dava entrada para um gabinete destinado a descanso dos Monarcas.

Era um primor de ornamentação, característica da terra e do local.

Eram colchas de lindo gosto, fabricadas na ilha, que o forravam, bem como ao teto do pavilhão, em que a do centro tinha a coroa portuguesa, tecida também na terra.

Duas cadeiras feitas de vimes, encimadas com a coroa portuguesa também do mesmo fabrico, e com coxim de seda azul e branca, destinaram-se aos lugares de Suas Majestades.

Seria longo e quase se nos torna impossível descrever a originalidade e encanto da ornamentação, principalmente do pavilhão e gabinete destinado a Suas Majestades. Bastará dizer que era impossível revesti-los de mais atrativos. Tanto assim foi, e tanto agrado produziu, que das colchas, umas elogiadas por Sua Majestade a Rainha foram-lhes oferecidas, bem como a El-Rei as cadeiras; alguns dignitários da sua comitiva também desejaram outras, que lhes foram também oferecidas, apesar de pedirem que fossem mandadas fazer por sua encomenda, daqueles padrões.

VI

Antes da chegada de Suas Majestades ao Paul, caíram chuveiros, fazendo reçar que não se efetuasse a revista por falta da comparência de Suas Majestades, em vista de o tempo afigurar que não melhoraria.

Os milhares de assistentes lamentavam que assim sucedesse, e por isso foi indiscreto a alegria à chegada dos nossos Reis ao Paul.

Alagada a relva, toda a gente tomou lugar na estrada, ocupando uma extensão aproximadamente de dois quilómetros. Se as pastagens não estivessem alagadas, aqueles milhares de pessoas distribuídas pela planície dariam um panorama surpreendente.

Foi, no entanto, também de arrebatador efeito ver aquela grossa coluna de povo, que ao cair dos chuveiros armava os guarda-chuvas, que formavam um teto perfeito, parecendo obedecer a um plano combinado para produzir aquele resultado.

Conquanto ainda depois de Suas Majestades se acharem no Paul, caísse alguma chuva, após a Sua chegada o tempo melhorou, dando lugar a que se procedesse regularmente à revista, fazendo-se o desfile de gado em frente da tribuna Real pela ordem seguinte:

1.^a parte: — *Passagem de vacas leiteiras* — *Grupo de novilhas de 2 a 3 anos* — *Gado de trabalho* — *Passagem das vacas com os bezerros.*

2.^a parte: — *Desfile de carros* — *Fabrico de manteiga* — *Exame de alfaia agrícola* — *Exposição de gado bravo.*

Os criadores que concorreram à exposição apresentaram o seu gado com divisas especiais: fita na haste de um dos animais da manada. Foram os senhores: Manuel Carvalho Soares & Irmãos — Francisco de Paula Barcellos Machado Bettencourt — José Francisco Aurora — João Luiz Toste Parreira — Pedro Parreira de Lima e João Machado de Ávila — Félix Machado Barcellos — Jacinto de Sousa — José Pacheco Ormonde — Francisco de Paula Rego — Pedro Menezes Parreira & Irmão — José Luiz de Sequeira.

Depois da passagem das vacas com os bezerros, vieram para ser mugidas diante da tribuna Real, uma vaca de cada criador: as que tinham a divisa. Da que pertencia ao promotor desta festa em honra das Majestades, tirou-se primeiramente leite em um jarro de prata, de onde se botou em copos, que em uma bandeja também de prata, se foi oferecer a Suas Majestades, bebendo El-Rei e os da Sua comitiva, provando só Sua Majestade a Rainha, receando poder fazer-Lhe mal.

Os nossos Monarcas prestaram sempre muita atenção a todas as circunstâncias da revista, admirando alguns exemplares especiais das manadas, vendo-se perfeitamente que estavam muito agradados da festa.

O desfile dos carros de bois produziu também grande sensação nos Régios visitantes.

Mais de 200 carros com ornamentações várias ao estilo da terra, embandeirados, puxados pelas melhores juntas de bois, passaram em frente do pavilhão Real, soltando os passageiros os seus lenços saudando os Monarcas, que correspondiam cumprimentando cativamente, no meio dos vivas e palmas do povo.

Finda a primeira parte do programa da festa, serviu-se o almoço.

A mesa estava primorosamente disposta, e o serviço foi todo à terceirense. Serviram guapas raparigas.

Eis o menu: — *Canja* — *Vinho «Madeira»* — *Pastéis de lapas* — *Vinho «Graciosa» (velho)* — *Codornizes com cabeças de nabo* — *Vinho «Candelária» (tinto velho)* — *Alcatra* — *Pudim de batata* — *Vinho «Bordéus»* — *Fiambre* — *Vinho «Casteletes»* — *Peru assado* — *Feijão verde e agrião* — *Acelga e alface* — *Vinho champanhe* — *Doces, pastelaria e frutas diversas* — *Vinhos do Porto e Madeira* — *Café, cognac e licores.*

Suas Majestades visitaram depois do almoço a instalação do fabrico de manteiga, onde se demoraram, indo em seguida para uma pequena tribuna, junto a um pasto fechado, para ver o gado bravo que ali se achava, custando a trazê-lo próximo tem do local onde estavam os Soberanos, só vindo parte dele.

O gado bravo era em número de 118 cabeças, e o mais gado que entrou na

revista foi em número de 560 cabeças, a além do que estava tomado aos carros que ascendia a 1800 cabeças.

Durante a revista, Suas Majestades por vezes felicitaram o promotor daquela esplêndida festa, o sr. José Luiz de Sequeira, de quem era a propriedade em que se realizou, bem como ao sr. governador civil.

Declarou El-Rei que não podiam preparar-Lhe festa que mais agradavelmente o impressionasse como aquela.

Prometeu Sua Majestade enviar das Suas manadas ao sr. Sequeira um casal melhor raça de rezes que lá tivesse, honra que o sr. Sequeira agradeceu confundido. El-Rei também disse que o mesmo cavalheiro havia de aceitar a medalha de mérito agrícola com que o queria condecorar. O sr. Sequeira, mostrando a Sua Majestade o quanto se achava penhorado por tantas honras com que já o tinha distinguido, dispensando-lhe afabilidades de que se não considerava merecedor, declarou que para mostrar o seu reconhecimento faria o que Sua Majestade mandasse.

A condecoração, a que pertence o título de comendador, foi criada por El-Rei D. Carlos para distinguir méritos agrícolas que Sua Majestade muito parecia, e confere-a muito especialmente.

Foi mostrado a Suas Majestades no Paul um lindo cão exemplar da raça de fila, especial desta ilha, pertencente ao sr. Ciríaco Tavares Silva.

Muito gostaram Suas Majestades do animal, e manifestando a Rainha vontade em possuí-lo, pediu o sr. Sequeira licença para o ofertar, o que Sua Majestade estimou dizendo que o queria levar consigo, e assim foi o feliz cão para bordo do cruzado «*D. Carlos*», mandando gratificar a Rainha o portador que o levou a bordo, um criado do sr. Ciríaco, com dez mil reis fortes. Ficou o sr. Sequeira de mandar depois uma fêmea da mesma raça.

Terminada a festa do paul, da qual declararam Suas Majestades levarem as mais agradáveis recordações, retiraram-se os Soberanos para a cidade, seguindo o Seu carro numerosos trens, sempre no meio de entusiásticos vivas e palmas, que quase ininterrompidamente soaram toda a tarde a Seus ouvidos.

No Paul foi armada uma grande barraca de campanha onde se estabeleceu um «*bouffet*» esplêndido e gratuito, onde se serviu a mais de 500 pessoas.

A oficialidade dos navios de guerra portugueses e estrangeiros, bem como todos os nossos hóspedes e mais pessoas que ali foram, depois de se terem utilizado à vontade de tudo o que desejavam, ao pedir a conta ficavam surpreendidos respondendo-se-lhes que ali se não pagava coisa alguma.

Apesar de tanta gente se ter utilizado do «*bouffet*», tão bem sortido ele estava que ainda ficou o suficiente para mais umas 200 pessoas.

VII

No regresso do Paul vieram Suas Majestades pela freguesia da Ribeirinha, graça que aquele povo solicitou com grande empenho e que os Monarcas na Sua bondade concederam, retribuindo tão carinhosamente a prova de muita afeição às Suas reais Pessoas, que a solicitação representava.

Os caminhos estavam juncados de verdura e flores, e a densa população daquela freguesia à passagem dos seus Reis, dava-Lhes entusiásticos vivas e palmas. Um delírio de prazer.

A filarmónica da freguesia tocava o hino nacional. Uma importante parte do povo seguiu o trem real até uma grande distância, sempre em entusiásticas aclamações.

As janelas estavam ornadas com colchas de várias cores e tecidos, dando o tom de uma grande festa no povoado.

Uma velhinha que alegre e contente, atenta olhava a Rainha, exclamou num arrebatamento de prazer: — *A Rainha é um botão de rosa!* — Singela é a frase, mas bastante expressiva.

Chegados os Régio Visitantes à cidade, ocupado o tempo indispensável na mudança de «*toilette*», dirigiram-se de carruagem para o Cais da Alfândega, onde teve lugar o embarque pelas 6 horas e meia.

Na Rua Direita estava postada a guarda de honra, e no Largo 3 de Março aguardavam Suas Majestades: a câmara municipal, autoridades, funcionários, clero, todo o corpo seminarístico e muito povo, que aclamavam os seus Reis.

Suas Majestades despediram-se com afabilidade dos que se Lhes acercavam, e El-Rei dirigindo-se ao sr. presidente da câmara, disse-lhe: que ia penhorado pelo receção que nesta cidade Lhe tinham feito e à Rainha, o que mais uma vez agradecia à Câmara, representante deste lealíssimo povo.

Levantou o sr. presidente da Câmara vivas a Suas Majestades que foram calorosamente correspondidos. Eram ruidosas as aclamações, mas notava-se a comovência que a saudade da partida deixava. Principalmente a nossa Rainha ia bastante sensibilizada, demonstrando assim que Lhe será de boa recordação a curta estada de Suas Majestades nesta ilha.

A bordo teve lugar o jantar dedicado a El-Rei pelo comandante do cruzador «D. Carlos», sr. Moraes e Sousa, estando entre os convidados, oficialidade da marinha de guerra, o ilustre governador civil deste distrito sr. Emídio Lino da Silva Jr. e ex.^{ma} esposa. El-Rei dirigiu um brinde muito honroso para esta terra ao sr. governador civil, agradecendo-lhe, como chefe do distrito, a cordialidade e entusiástica simpatia com que o povo terceirense tinha recebido os seus Monarcas.

Sua Majestade a Rainha mui particularmente significou à ex.^{ma} esposa do sr. governador civil, sr.^a D. Brites Cunha e Silva, a maneira porque se achava cativada por este povo, e pela forma incansável por que a ilustre dama tinha proporcionado todas as comodidades e embelezamentos nos régios aposentos.

O sr. governador civil e ex.^{ma} esposa, que acompanharam Suas Majestades à ilha de São Miguel, receberam também ali de Suas Majestades por vezes, provas do quanto iam satisfeitos e agradavelmente impressionados. Assim se depreende dos honrosos seguintes telegramas que El-Rei expediu à Sua chegada a São Miguel e a Lisboa, ao sr. presidente da Câmara de Angra:

«Ponta Delgada, 5 de julho — Urgente — Presidente da Câmara Municipal d'Angra do Heroísmo — Ao chegarmos aqui depois de uma excelente viagem quero mais uma vez, em meu nome e da Rainha, agradecer a esse bom e leal povo a cativante receção que nos fizeram e

assegurar-lhe que ela ficará como uma das mais gratas recordações da nossa vida. — El-Rei».

Tal e tão justificado regozijo produziu o texto do telegrama de El-Rei ao povo terceirense, que um sem número de cópias dele, impressas, existem em quadros. Toda a gente quis guardar as impressões dos Reis de Portugal, manifestas nesse documento que fica sendo mais uma prova do reconhecimento que os Monarcas Portugueses deram da afeição que Lhes consagra o povo terceirense. Não menor é a que nos foi dada com o seguinte telegrama expedido logo que Suas Majestades chegaram a Lisboa:

«Lisboa, 14 de julho — 5 horas e 20 minutos da tarde — Presidente da Câmara Municipal — Angra — A esse bom e leal povo quero, no momento de chegar, significar ainda uma vez em meu nome e no da Rainha todo o meu reconhecimento pela afetuosa recepção que aí tivemos e assegurar-lhe os votos que fazemos pela sua ventura e prosperidade. — El-Rei.»

No mesmo sentido, o sr. governador civil expediu o sr. Presidente [do Ministério] no mesmo dia às 5 h. 25 m. o seguinte:

«Suas Majestades acabam de chegar a Lisboa de perfeita saúde e com feliz viagem, trazendo desse distrito as mais gratas recordações pelo afetuoso e entusiástico acolhimento que aí tiveram e que jamais esquecerão. No seu regresso a esta capital foram Suas Majestades recebidas com as mais cativantes demonstrações de festiva e respeitosa homenagem. — Hintze Ribeiro.»

Essas provas nos fazem ter por bem empregados quaisquer sacrifícios que hajam sido feitos para condignamente receber os nossos Soberanos. Mostrámos-Lhes que imutável é a lealdade e amor dos terceirenses.

Com a satisfação de que se acha possuída toda a ilha Terceira, pela simpatia que teve a felicidade de inspirar aos seus Monarcas, fica também a esta terra a esperança de que tão honrosa visita marcará um novo período de prosperidade pública.

Ao terminar a notícia descritiva das festas que a ilha Terceira fez aos Reis de Portugal, cumpre-nos francamente declarar que ao fazê-la não tivemos em vista apresentá-la com a minuciosidade que os leitores da «*União*» e o público desejaria.

Diligenciámos arquivar o mais detalhadamente que nos foi possível os principais factos, desataviadamente e sem exageros. Exposição simples e verdadeira, é o merecimento da notícia descritiva que oferecemos aos leitores.

Vieira Mendes

NOTAS

A alocução do sr. Presidente da Câmara de Angra por ocasião da entrega das chaves da cidade é do teor seguinte:

«*SENHOR!*

Nas Mãos de Vossa Majestade tem esta Câmara Municipal a honra de depositar as chaves da Muito Nobre Leal e Sempre Constante cidade de Angra do Heroísmo.

É este preito de homenagem, Senhor, sinal do respeito e submissão devido aos Senhores Reis de Portugal, de longa data usado neste país, e que esta Câmara Municipal se honra de ser-lhe dado prestar neste tão solene momento.

Estas chaves, Meu Senhor, as mesmas são as que outrora aprouve a Sua Majestade o Senhor D. Pedro 4.º receber na ocasião em que chamou a esta terra o egrégio baluarte da liberdade e fidelidade portuguesas, quando se dignou vir juntar-se aos bravos que a haviam intrepidamente defendido durante 4 anos, e que depois Ele próprio conduziu à inteira conquista da liberdade e do solo sagrado da Pátria.

Cumprindo este dever, a Câmara Municipal vem à porta da sua cidade receber a Vossas Majestades e agradecer, em nome destes povos, possuídos da maior gratidão, a honrosa visita que Vossas Majestades se

dignam fazer-lhes.

Pela Câmara Municipal e pelos habitantes deste concelho tenho a honra de beijar as mãos de Vossas Majestades, e pedimos todos a Deus conceda a Vossas Majestades dilatada e próspera vida, para felicidade da Nação Portuguesa.»

A Associação Comercial fez uma mui simpática comemoração da chegada de Suas Majestades a esta ilha.

Em cada uma das cinco freguesias da cidade fez distribuição a 100 pobres de esmolas de 625 reis, ou sejam 500 pobres contemplados, e que foram distribuídos na casa da mesma Associação.

À Cozinha Económica deu 60\$000 reis, para durante os 3 dias da visita régia, distribuir 100 jantares melhorados e com vinho.

Aos Asilos de Infância Desvalida e de Mendicidade deu 50\$000 reis a cada, e 20\$000 reis ao Orfanato para os jantares melhorados durante os mesmos 3 dias.

A cada uma das recolhidas da Associação Educadora e Recolhimento Jesus Maria José, 625 reis.

Aos 100 doentes e inválidos do Hospital da Santo Espírito, 625 reis a cada. A mesma quantia a cada preso da cadeia.

Ao desembarque de Suas Majestades assistiram em uma tribuna no cais, as crianças do Asilo de Infância Desvalida com suas diretoras. Soltavam vivas de contentamento e entusiasmo, despertando muita simpatia essa manifestação.

Em sinal de regozijo por se ver que os nossas tão espontâneas e francas manifestações foram tanto do agrado de Suas Majestades, após a publicação dos telegramas de El-Rei, a Câmara hasteou o seu estandarte, e à noite houve

manifestações de regozijo público, percorrendo o povo em marcha «aux flambeaux», com música, as ruas da cidade em entusiásticas manifestações, levantando vivas a El-Rei, à Rainha e à Família Real.

Das manifestações do primeiro dia, deu o sr. Governador civil comunicação telegráfica para Ponta Delgada ao sr. Presidente do Conselho, que respondeu nos seguintes termos:

«Suas Majestades agradecem a penhorante manifestação dos povos de Angra do Heroísmo que tão gratas impressões lhes deixaram. — Hintze Ribeiro»

Em resposta a um telegrama do sr. Presidente da Câmara desta cidade para Ponta Delgada, perguntando como tinham passado Suas Majestades de viagem, respondeu o sr. conselheiro Hintze Ribeiro com o seguinte telegrama:

«Suas Majestades a quem comuniquei o conteúdo do telegrama de v. ex.^a, incumbem-me de agradecer a v. ex.^a e de informar que se encontram bem e com indelével saudade dessa bela ilha donde trouxeram tão gratas impressões. — Hintze Ribeiro»

O sr. governador civil recebeu também de Ponta Delgada este telegrama:

«Calorosa entusiástica recepção Majestades grandiosa concorrência, exposição admirável distrito Angra instalação separada colocação artística productos. Rainha elogiou tecidos, bordados, trabalhos vimes, presidente comissão felicitou representante Junta boa compreensão bom êxito distrito. Emídio, Sotto Maior, Alcampos solicitaram Majestade Rainha graça oferta alguns productos nome Junta. —Governador Civil»

Em resposta a este telegrama do sr. governador civil de Ponta Delgada, enviou o sr. Governador civil de Angra o telegrama seguinte:

«Congratulo-me V. Ex.^a excelente recepção Suas Majestades nessa ilha, e agradeço penhorado sua comunicação.»

Para a exposição em Ponta Delgada, entre os produtos da ilha Terceira que ali concorreram, existia um filtro de água, representando em alto relevo nas faces as quatro estações do ano.

Era primoroso trabalho do habilíssimo artista sr. Sá e Silva, sendo expositor o abastado negociante sr. António Pedro Simões.

Na visita à instalação desta ilha, Sua Majestade El-Rei apreciou muito esse trabalho. Foi isso comunicado dali ao sr. Simões, que imediatamente deu ordem para que se oferecesse esse objeto a Sua Majestade. Depois da oferta recebeu o sr. governador civil este telegrama:

«Sua Majestade El-Rei meu Augusto Amo pede e diz agradeça em nome de Sua Majestade a Manoel de Sá e Silva e António Pedro Simões a oferta do lindo filtro que fizeram a Sua Majestade e que muito apreciou. — Conde de Arnoso.»

Em resposta expediu o sr. governador civil:

«Em nome Sá e Silva, Pedro Simões e meu agradeco muito reconhecidamente a honra que Sua Majestade El-Rei se dignou conceder aceitando a humilde oferta daquele e respetiva comunicação de V. Ex.^ª»

Sobre o mesmo assunto telegrafou o sr. Hintze Ribeiro o seguinte:

«Suas Majestades aceitam e agradecem a oferta do filtro em alto relevo, produto de Manoel Sá e Silva, exposto por António Pedro Simões.»

Agradeceu o sr. governador civil nestes termos:

«Sá e Silva, Antonio Pedro Simões e eu agradecemos penhoradíssimos a honrosa comunicação por parte de Sua Majestade El-Rei da humilde oferta d'aqueles.»

Ressente-se o presente trabalho, tanto em disposição, redação e revisão, da brevidade com que teve de ser feito.

Garantimos porem que não peca por exageros nas referências às festas que a ilha Terceira fez, recebendo os seus Monarcas. Afasta se mesmo do princípio ordinariamente seguido de avolumar os factos.

Será perdurável neste povo a saudade por D. Carlos 1.º e rainha D. Maria Amélia, como o é a sua lealdade para com a Casa Reinante de Portugal.

VIVA A FAMÍLIA REAL PORTUGUESA!



Angra do Heroísmo
CÂMARA MUNICIPAL